

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**“ENIGMA DA CHAVE-FECHADURA”: UM ESTUDO DO
DUPLO PADRÃO SEXUAL EM ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS DO SEXO MASCULINO**

Carolina Susana Campos Rocha

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia da Educação e da Orientação

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**“ENIGMA DA CHAVE-FECHADURA”: UM ESTUDO DO
DUPLO PADRÃO SEXUAL EM ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS DO SEXO MASCULINO**

Carolina Susana Campos Rocha

Dissertação orientada pela Prof^ª Doutora Maria João Alvarez

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia da Educação e da Orientação

2016

Agradecimentos

À Professora Maria João Alvarez, o meu profundo agradecimento pela orientação, apoio e disponibilidade inesgotáveis. A sua sabedoria transmitiu-me a confiança e sentido de responsabilidade necessários para querer sempre fazer melhor.

À Helena Amaro, com quem tive o privilégio de desenvolver este estudo. As palavras não são suficientes para exprimir o quanto lhe estou grata pelos dias incansáveis de trabalho na faculdade e, sobretudo, pelo entusiasmo e persistência contagiante que definem a pessoa maravilhosa que é.

À minha mãe, pai, irmão e avó Mimi, um reconhecido agradecimento pela dedicação, carinho e ensinamentos que me transmitem todos os dias. São o melhor de mim e o maior apoio que eu tenho na vida. Todo este trabalho é dedicado a vocês.

A todos os estudantes universitários que se mostraram disponíveis a participar nas entrevistas e possibilitaram, assim, a concretização deste estudo.

À Joana Pagado, pelos momentos maravilhosos que partilhamos juntas, todos os dias. Ao André, pelo carinho e amizade. À Joana Guilherme, pelas conversas e momentos que se vão prolongando há muitos anos. À Filipa, pela melhor amizade que a faculdade me deu. Ao Tomás, por me ter acompanhado desde o primeiro dia na faculdade e nunca me ter deixado cair ao longo deste caminho. Juntos tornámo-nos definitivamente melhores pessoas. À Carolina, à Catarina, e a todos os meus amigos.

À avó Fernanda, que certamente estará a sorrir com a conclusão desta etapa.

Resumo

A expectativa de que homens e mulheres devem ter comportamentos sexuais diferentes e serem avaliados de forma diferente quando se envolvem em atividades sexuais semelhantes, isto é, o duplo padrão sexual, tem vindo a mudar. No entanto, há indicações de que as mulheres continuam a inibir a vivência da sua sexualidade de uma forma mais acentuada que os homens. Neste estudo pretende-se aprofundar os contornos atuais deste conceito. Com este propósito foram realizadas entrevistas em grupo a estudantes universitários do sexo masculino para averiguar a sua perceção relativamente a possíveis diferenças na forma como homens e mulheres vivenciam a sua sexualidade. Através da metodologia de grupos focais e de uma análise qualitativa que recorreu à grounded theory foi possível concluir que o duplo padrão sexual se manifesta principalmente na multiplicidade de parceiros, e não no envolvimento em relacionamentos ocasionais e que, em relacionamentos estáveis, se verifica uma diferenciação de género ao nível do poder e autoridade, a qual denominámos por duplo padrão relacional. Estes resultados remetem para a importância de uma reformulação do conceito em estudo.

Palavras-chave: Duplo Padrão Sexual, Padrão Sexual Singular, Duplo Padrão Sexual Invertido, Duplo Padrão Relacional.

Abstract

The expectation that men and women should have different sexual behaviors and be differently evaluated when they engage in such sexual activities, that is, the sexual double standard, has been changing. However, there are indications that women continue to inhibit their sexual experience in a more pronounced way than men. This study aims to deepen the current contours of this concept. For this purpose group interviews with male college students were carried out to find out their perception about possible differences in how men and women experience their sexuality. Through the methodology of focus groups and a qualitative analysis that appealed to the grounded theory these findings suggest that the sexual double standard is mainly manifested in the multiplicity of partners, not in engaging in casual relationships and, in committed relationships, gender differences arose in terms of power and authority, which we call a relational double standard. These findings suggest the importance of a reformulation of the concept under study.

Keywords: Double Sexual Standard, Single Sexual Standard, Reverse Double Sexual Standard, Relational Double Standard.

Índice

Introdução	p. 1
Enquadramento Teórico	p. 3
O conceito de duplo padrão sexual e sua evolução	p. 3
Multidimensionalidade do conceito de duplo padrão sexual	p. 8
Variações culturais do duplo padrão sexual	p. 10
Grupos focais como metodologia de estudo	p. 13
Objetivos do estudo	p. 15
Método	p. 16
Participantes	p. 16
Instrumento	p. 16
Procedimento	p. 17
Procedimentos de Análise	p. 19
Resultados	p. 22
Discussão e Conclusões	p. 45
Referências	p. 52

Introdução

As diferenças no modo como homens e mulheres são julgados quando se envolvem nos mesmos comportamentos ainda são, nas sociedades atuais, uma realidade irrefutável. Embora muitos esforços tenham sido realizados nas últimas décadas para colmatar este aspeto, a forma como a sociedade julga os comportamentos de uns e outros continua a ter impacto na vida dos indivíduos e a contribuir para que estes não se expressem e comportem livremente.

Estas dissemelhanças manifestam-se, entre outros aspetos, ao nível da sexualidade, uma vez que face aos mesmos comportamentos sexuais, homens e mulheres são julgados de forma diferente. A tendência para considerar determinados comportamentos como aceitáveis para o sexo masculino e inaceitáveis para o sexo feminino traduz a ideia do duplo padrão sexual (DPS) (Marks, 2008), conceito em foco neste trabalho.

A conceção do duplo padrão sexual tem vindo a sofrer alterações ao longo dos anos e os resultados das investigações têm sido controversos no que respeita à sua existência (e.g., Marks & Fraley, 2005; Oliver & Sedikides, 1992). No entanto, os resultados relativos à sua inexistência podem estar relacionados com uma concetualização do duplo padrão sexual numa perspetiva tradicional, a qual pode não expressar os seus contornos atuais, conduzindo a limitações e enviesamentos na sua avaliação, o que evidencia a urgência de uma nova reformulação do conceito.

Recorrendo à técnica qualitativa de grupos focais e à grounded theory, esta dissertação propõe-se contribuir para uma compreensão mais aprofundada dos contornos que o duplo padrão sexual adquire atualmente, recorrendo a uma amostra de estudantes universitários do sexo masculino. Para tal foi estudada a vivência da sexualidade no

contexto universitário, averiguando a existência de um duplo padrão sexual nessa vivência.

O presente estudo inicia-se pelo *Enquadramento Teórico*, no qual é demonstrada a evolução do conceito em análise, as suas variações culturais e a justificação para a escolha dos grupos focais como metodologia de análise do tema. Segue-se o *Método*, onde é caracterizada a amostra, apresentado o instrumento e procedimento de recolha de dados, assim como os procedimentos de análise utilizados. De seguida, são apresentados os *Resultados*, com identificação das categorias e subcategorias obtidas e, por último, a *Discussão e Conclusões*, onde são estabelecidas relações entre essas mesmas categorias e descritas as possíveis limitações e implicações do estudo.

Enquadramento Teórico

O conceito de duplo padrão sexual e sua evolução

O conceito de duplo padrão sexual assenta na ideia de que homens e mulheres devem ter comportamentos sexuais diferentes e serem avaliados de forma diferente quando se envolvem em atividades sexuais semelhantes (Marks, 2008).

A forma tradicional desta crença, cuja existência se tem verificado ao longo dos anos em diferentes sociedades, implica que é permitida aos homens mais liberdade do que às mulheres, nomeadamente permitindo aos homens relações sexuais antes do casamento e relações sexuais em idade precoce, em relacionamentos novos ou sem compromisso (Sprecher, McKinney, & Orbuch, 1987). Do mesmo modo, implica que os homens que se envolvem em comportamentos sexuais são respeitados e tidos em consideração, enquanto as mulheres são desconsideradas e descredibilizadas por se envolverem nos mesmos comportamentos (Marks & Fraley, 2006). Deste modo, em sociedades caracterizadas por um duplo padrão sexual tradicional, os homens estão sujeitos a normas sexuais mais permissivas e liberais comparativamente às mulheres (Lottes & Weinberg, 1998).

Esta diferenciação nos comportamentos sexuais tidos como apropriados para homens e mulheres pode basear-se nos estereótipos e papéis de género tradicionais presentes nas sociedades atuais que defendem que os homens devem ser ativos, independentes, pouco emotivos e orientados para objetivos, e as mulheres devem ser passivas, dependentes, emotivas e orientadas para o outro e para a relação (Amâncio, 1992). Estes estereótipos traduzem-se, ao nível da sexualidade, na ideia que os homens se comportam de forma mais assertiva, iniciando e controlando a sequência das ações e que as mulheres adotam uma atitude mais passiva, complacente e responsiva à evolução

das interações (Martins & Machado, 2009). Estas e outras desigualdades entre homens e mulheres persistem também por serem tidas como algo natural e inquestionável pelos próprios indivíduos (Marques, 2007).

A primeira investigação sobre duplo padrão sexual foi desenvolvida pelo sociólogo Ira Reiss ao aplicar um questionário para averiguar a existência de padrões sexuais diferentes para géneros diferentes a uma amostra de estudantes universitários. Neste estudo o autor concluiu que, no grupo de participantes que considerou aceitável a prática de comportamentos sexuais pré-maritais, a maioria concordou que esses comportamentos eram aceitáveis para indivíduos do sexo masculino, mas não para os do sexo feminino (Reiss, 1964, citado por Kreager & Staff, 2009).

Não existe apenas um duplo padrão sexual tradicional, os indivíduos podem ter crenças que vão ao encontro de um duplo padrão sexual singular ou invertido. O conceito de padrão sexual singular assenta na ideia de que ambos os géneros estão sujeitos a normas sexuais iguais (e.g., Oliver & Sedikides, 1992), enquanto o conceito de duplo padrão sexual invertido caracteriza-se pela aceitação de normas sexuais mais permissivas para as mulheres comparativamente aos homens (e.g., Sprecher, McKinney, & Orbuch, 1991).

Mais recentemente, Milhausen e Herold (2001) desenvolveram um estudo para avaliar a perceção que uma amostra de jovens adultos, com idades compreendidas entre os 18 e os 28 anos, tinha acerca da existência de um duplo padrão sexual na sociedade, assim como concluir acerca da sua aceitação pessoal a esse mesmo padrão. Os resultados mostraram que, apesar de a maioria dos participantes percecionarem a existência de normas na sociedade que iam ao encontro de um duplo padrão sexual, a nível pessoal havia uma maior tendência para aceitar um padrão sexual singular para ambos os sexos.

Em estudos relativos a situações de envolvimento sexual entre adultos e adolescentes pôde também verificar-se a existência de um duplo padrão sexual invertido (e.g., Howell, Egan, Giuliano, & Ackley, 2011; Sahl & Keene, 2010), nomeadamente quando professores que se envolvem sexualmente com alunas adolescentes são julgados mais severamente do que professoras que se envolvem com alunos adolescentes (Howell et al., 2011).

Os comportamentos sexuais alvo de diferentes avaliações consoante o género têm vindo a modificar-se ao longo do tempo. Se inicialmente se identificavam diferenças na forma como os homens e as mulheres eram percecionados quando se envolviam em comportamentos sexuais antes da oficialização do casamento (Reiss, 1964, citado por Kreager & Staff, 2009), atualmente os comportamentos sexuais alvo de diferentes avaliações estão principalmente relacionados com relações sexuais sem compromisso e envolvimento com múltiplos parceiros (Martins & Machado, 2009). Este duplo padrão pode encontrar as suas raízes no facto de o sexo feminino ser tradicionalmente encorajado a limitar as suas experiências sexuais para permanecer “puro” e “inocente”, sendo o sexo masculino incentivado a vivenciá-las (Mosher & Tomkins, 1988). Desta forma, a ideia de as mulheres tomarem a iniciativa no envolvimento sexual, poderem envolver-se em relações sexuais sem compromisso ou em múltiplos relacionamentos ao longo da sua vida é mal aceite nas sociedades mais tradicionais (Vieira, 2011). Um estudo qualitativo português com uma amostra de jovens com idades compreendidas entre os 17 e os 25 anos residentes no distrito do Porto (Vieira, 2011) mostrou que a experiência adquirida pela variedade de parceiras assume uma grande importância na identidade masculina, enquanto os domínios relevantes na identidade feminina aparentam ser a progressiva cumplicidade, intimidade e à-vontade no seu relacionamento de namoro. A partir deste estudo foi possível concluir ainda que as raparigas que vivenciam uma variedade de

relacionamentos são alvo de críticas negativas e os próprios jovens do sexo masculino evitam estabelecer relacionamentos estáveis com elas por se sentirem inseguros. Estes aspetos poderão contribuir para a diferença verificada ao nível dos domínios de referência nas identidades feminina e masculina, sentindo-se as raparigas renitentes em vivenciar novas experiências sexuais.

A aceitação deste duplo padrão, para além de influenciar o modo como os géneros se percecionam um ao outro e desejam estabelecer ou não uma relação estável entre si pode influenciar ainda determinadas crenças e comportamentos dos indivíduos face aos abusos sexuais, comunicação entre parceiros, visualização de pornografia e *reality shows*. De facto, estudos demonstraram que a aceitação do duplo padrão sexual se relaciona com atitudes que justificam os abusos sexuais (Sierra, Santos-Iglesias, Gutiérrez-Quintanilla, Bermúdez, & Buela-Casal, 2010) e os atribuem a necessidades sexuais incontroláveis por parte dos homens (Bordini & Sperb, 2013). Uma menor comunicação a nível sexual entre casais que aceitam este duplo padrão sexual é também verificada (Greene & Faulkner, 2005), assim como uma maior frequência de visualização de conteúdos pornográficos (Zhang, Miller, & Harrison, 2008) e *reality shows* relacionados com encontros sexuais (Zurbriggen & Morgan, 2006).

No que diz respeito à relação entre a aceitação do duplo padrão sexual e o envolvimento em comportamentos sexuais de risco, a literatura sugere que as mulheres são mais criticadas pelas outras mulheres por providenciarem o preservativo numa relação sexual do que por se envolverem em relações sexuais desprotegidas, não sendo os homens alvo de críticas negativas por providenciarem preservativos (Hynie & Lydon, 1995). Este estudo permite verificar que também as mulheres se julgam negativamente umas às outras, assim como identificar uma relação entre a aceitação do duplo padrão sexual e a menor utilização/disponibilização de preservativos e, deste modo, uma maior

tendência para que as mulheres que aceitam este duplo padrão sexual se envolvam em comportamentos sexuais de risco por comparação com aquelas que não partilham desta crença. No entanto, os estudos são algo controversos, uma vez que foram também encontradas provas que mostram que os indivíduos que aceitam o duplo padrão sexual tendem a envolver-se menos em comportamentos sexuais de risco comparativamente àqueles que não o aceitam (Boone & Lefkowitz, 2004).

Muehlenhard e McCoy (1991) investigaram a relação entre o duplo padrão sexual e o “sinal de resistência” ao sexo – que consiste em aparentar desinteresse num envolvimento sexual quando se tem, de facto, vontade que esse envolvimento ocorra. Os autores concluíram que as mulheres que viviam situações de resistência ao sexo, quando questionadas acerca da perceção da aceitação pelo seu parceiro do duplo padrão sexual tradicional, percecionavam-na como superior, comparativamente às mulheres que se mostravam mais à vontade para dar a conhecer ao parceiro a sua vontade em se envolverem em relações sexuais.

Reiss (1960 citado por Crawford & Popp, 2003) previu que a sociedade se iria aproximar de padrões sexuais mais igualitários. É possível identificar, de facto, estudos que mostram pouca evidência ou total inexistência de um duplo padrão sexual em algumas sociedades (e.g., Marks & Fraley, 2005; Oliver & Sedikides, 1992; O’Sullivan, 1995). Por exemplo, Marks e Fraley (2005), com o objetivo de identificarem a persistência do duplo padrão sexual na sociedade, solicitaram a uma amostra de participantes de ambos os sexos que avaliassem determinados indivíduos, cujo número de parceiros sexuais variava. Os resultados mostraram que os indivíduos eram avaliados de forma mais negativa à medida que o número de parceiros sexuais aumentava, mas não permitiram identificar diferenças nas avaliações dos indivíduos consoante o género, o que se traduz na aceitação de um padrão sexual singular.

Pode concluir-se que o duplo padrão sexual tem vindo a adquirir novos contornos ao longo dos anos, não se verificando na atualidade, por exemplo, a avaliação diferencial em envolvimento sexuals pré-maritais. As sociedades estão cada vez mais a aproximar-se de normas sexuais igualitárias para ambos os géneros e a adotar, assim, crenças que vão ao encontro de um padrão sexual singular. No entanto, ainda é perceptível a presença deste duplo padrão na forma como homens e mulheres são julgados quando se envolvem nos mesmos tipos de comportamentos sexuais, de que é exemplo o envolvimento em relações sem compromisso e/ou com múltiplos parceiros.

Multidimensionalidade do conceito de duplo padrão sexual

As crenças de um indivíduo que vão ao encontro de um duplo padrão sexual podem ser entendidas como a dimensão pessoal desse duplo padrão. No entanto, o próprio pode não demonstrar uma aceitação ao duplo padrão sexual, mas percecionar a existência de normas diferenciais para os dois géneros e, portanto, identificar em contexto social julgamentos que traduzem um duplo padrão sexual tradicional. O estudo de Milhausen e Herold (2001), anteriormente referido, investigou em que medida as perceções, os comportamentos e as atitudes de estudantes universitárias de uma universidade do Canadá manifestavam a presença de um duplo padrão sexual, concluindo que a maioria dos indivíduos acreditava na presença de um duplo padrão sexual em contexto social, apesar dos seus julgamentos pessoais remeterem para a aceitação de um padrão sexual singular que viabilizava normas sexuais idênticas para ambos os sexos.

Importa, por isso, fazer a distinção entre a dimensão pessoal e a dimensão social do duplo padrão sexual, não só por se manifestarem em circunstâncias diferentes, mas por ambos estarem a ser avaliados nos instrumentos de avaliação do duplo padrão sexual desenvolvidos até à data, sem que uma análise distinta das duas dimensões esteja a ser

realizada. De facto, a literatura sugere que a forma como alguns dos instrumentos existentes foram construídos pode constituir uma limitação e ter contribuído para a menor evidência da manutenção de um duplo padrão na sociedade (Marks & Fraley, 2005; Marks, 2008).

A dimensão social remete para a perceção de um indivíduo acerca da existência (ou inexistência) de julgamentos em contexto social que traduzem a aceitação de um duplo padrão sexual, enquanto a dimensão pessoal está relacionada com os julgamentos pessoais do próprio que podem exprimir esse mesmo duplo padrão (Mark & Miller, 1986, citado por Ramos, Carvalho, & Leal, 2005).

Os métodos de avaliação existentes no estudo do duplo padrão sexual propõem-se avaliar o grau de aceitação dos indivíduos face ao duplo padrão sexual. No entanto, a maioria dos instrumentos não distingue a aceitação pessoal dos indivíduos (dimensão pessoal) e a perceção que estes têm da sua existência na sociedade (dimensão social), embora pontualmente haja a introdução de questões que remetem para estas duas dimensões (Bordini & Sperb, 2013).

Crawford e Popp (2003), numa revisão de literatura em que se propuseram analisar variadas metodologias de investigação, alertaram para o facto de, caso se medissem estas dimensões separadamente, os resultados poderem vir a mostrar-se diferentes. Milhausen e Herold (2001), concluíram, como acima referido, que a perceção da existência social de um duplo padrão sexual não pressupõe a aceitação pessoal desse duplo padrão, e desenvolveram, na sequência desse estudo, o Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual que possibilitou a Ramos e colaboradores (2005) analisarem a dimensão pessoal e a dimensão social separadamente, num estudo exploratório com estudantes universitárias portuguesas, e confirmarem os resultados obtidos na amostra canadiana.

Apesar da existência do instrumento anteriormente referido, que contempla a avaliação das duas dimensões do conceito, a maioria dos instrumentos de avaliação do duplo padrão sexual circunscreve-se à dimensão pessoal do duplo padrão sexual – de que são exemplo a Double Standard Scale (Caron, Davis, Halteman, & Stickle, 1993) e a Sexual Double Standard Scale (Muehlenhard & Quackenbush, 1996, citado por Muehlenhard & Quackenbush, 1998). A dimensão pessoal é, portanto, mais abordada na literatura, sendo os seus contornos mais conhecidos comparativamente à dimensão social.

Deste modo, importa que a dimensão social seja contemplada no estudo do duplo padrão sexual, possibilitando aceder a informação relevante para a compreensão do comportamento dos indivíduos, assim como evitar resultados enviesados ou conclusões precipitadas acerca da permanência ou desaparecimento do duplo padrão sexual na sociedade.

Variações culturais do duplo padrão sexual

A cultura é um elemento fundamental na construção da identidade do indivíduo, tendo um impacto significativo na interpretação que faz do mundo (Markus & Kitayama, 1991). Esta dimensão pode determinar ainda as atitudes e comportamentos sexuais adotados pelo próprio (Okasaki, 2002) e a existência de um duplo padrão sexual numa determinada cultura não garante a sua existência numa cultura diferente (Marks & Fraley, 2005).

Deste modo, a literatura sugere que a cultura e determinadas particularidades dos comportamentos sexuais condicionam o facto de estes serem ou não alvo de diferentes avaliações consoante o género (ver Crawford & Popp, 2003). Por exemplo, pode ser considerado aceitável para uma mulher negra empregada envolver-se sexualmente com múltiplos parceiros, desde que não seja recompensada monetariamente pelo ato (Fulilove

et al., 1990, citado por Crawford e Popp, 2003), assim como pode ser inadequado para uma mulher latino-americana expressar prazer sexual, mesmo estando casada (Espin, 1997, citado por Crawford e Popp, 2003).

Bordini e Sperb (2013), numa revisão da investigação desenvolvida entre 2001 e 2010 no âmbito do duplo padrão sexual, concluíram que a maioria dos estudos recorre a amostras predominantemente identificadas com a cultura americana, o que foi verificado em dezoito dos vinte e seis artigos revistos. As restantes culturas carecem, assim, de investigações que caracterizem os padrões sexuais aceitáveis para um e outro género nos respetivos contextos sociais, o que é possível verificar na cultura portuguesa, para a qual foram encontradas escassas investigações sobre o tema (e.g., Ramos, et al., 2005).

Para além da cultura, importa considerar a idade e o género dos indivíduos como fatores determinante na vivência da sexualidade e na aceitação de um duplo padrão sexual. De acordo com os dados do HIV Surveillance Report de 2014, a faixa etária dos 13 aos 24 anos corresponde a aproximadamente 20% dos novos casos do Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH) registados naquele ano, correspondendo 81% desses casos a indivíduos com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos (Centers for Disease Control and Prevention, 2015). Estas idades correspondem à faixa etária da maioria dos estudantes universitários portugueses. Alvarez e Oliveira (2007) referem que é nesta idade que muitos estudantes portugueses se envolvem pela primeira vez ou aumentam o envolvimento em comportamentos sexuais de risco. E, tal como referido anteriormente, o envolvimento em comportamentos sexuais de risco, como a não utilização do preservativo, pode estar relacionado com a perceção do indivíduo da aceitação de um duplo padrão sexual pelo parceiro (Hynie & Lydon, 1995). Estes aspetos remetem para a importância de estudar a vivência da sexualidade e a perceção atual da existência do duplo padrão na população universitária portuguesa, cujo envolvimento em

comportamentos sexuais de risco pode estar relacionado com a percepção de normas sexuais distintas para ambos os géneros.

O género, tal como a cultura, pode influenciar a percepção e a adoção de normas sexuais diferentes para homens e mulheres, implicando que os contornos que o duplo padrão sexual adquire para o sexo masculino podem variar daqueles que adquire para o sexo feminino (e.g., Petersen & Hyde, 2010, 2011; Sakaluk & Milhausen, 2012). No seu estudo, Petersen e Hyde (2010), por exemplo, concluíram que, apesar das diferenças entre homens e mulheres não serem elevadas, os participantes do sexo masculino referiram envolver-se mais frequentemente em relações sexuais, numa idade mais precoce, com um maior número de parceiras sexuais, existindo uma maior visualização de pornografia e maior envolvimento em masturbação, sexo oral, anal e sexo sem compromisso do que as participantes do sexo feminino. Relativamente à aceitação de normas sexuais diferentes para ambos os géneros, Sakaluk e Milhausen (2012) verificaram uma maior aceitação do duplo padrão sexual tradicional por parte dos homens e uma maior aceitação do duplo padrão sexual invertido por parte das mulheres. Estes estudos, por evidenciarem diferenças de resultados entre os dois géneros, permitem concluir que a análise do duplo padrão sexual realizada separadamente para grupos masculinos e femininos, e sua posterior comparação, poderá contribuir para a identificação de diferentes percepções de normas sexuais e uma compreensão mais aprofundada dos contornos que o duplo padrão sexual adquire na atualidade.

Em síntese, a influência da cultura, da idade e do género na forma como o indivíduo perceciona o mundo e nas atitudes e nos comportamentos que adota, condiciona também a expressão da sua sexualidade. O duplo padrão sexual é, assim, considerado um conceito determinado pela cultura em que os indivíduos estão inseridos, e pode adquirir

diferentes contornos em diferentes sociedades e em indivíduos de diferentes idades e géneros.

Grupos focais como metodologia de estudo

O grupo focal pode ser definido como “um grupo de discussão aberto e abrangente, com duração de uma a duas horas, no qual é explorado um conjunto de questões acerca de um tema pré-definido” (Robinson, 1999). Esta entrevista permite conhecer o que os indivíduos pensam e as razões subjacentes àquilo em que acreditam no contexto de dinâmicas interpessoais, mais propício a pôr em destaque as normas sociais.

A recolha de informação acerca das crenças, conceitos e fatores que estão relacionados com o domínio em estudo, no caso presente dos padrões sexuais, poderá contribuir para a compreensão da sua dimensão social e de questionários de avaliação do duplo padrão sexual que envolvam ambas as dimensões acima referidas. Os métodos qualitativos, especificamente as metodologias de grupos focais, contribuem com fundamentação teórica e conhecimentos que permitem o subsequente desenvolvimento de instrumentos significativos para avaliar o que se pretende (Krueger & Casey, 2009).

As metodologias qualitativas são destacadas na literatura quando se trata da compreensão das dimensões sociais dos fenómenos, uma vez que envolvem questões mais abertas e menos abstratas e hipotéticas (Bordini & Sperb, 2013), comparativamente às metodologias quantitativas que, por ignorarem as dinâmicas interpessoais nas quais são evidenciadas as normas sociais, podem impedir o reconhecimento de uma aceitação do duplo padrão sexual. De facto, Marks e Fraley (2007) demonstraram num estudo americano com participantes de várias nacionalidades, que é mais provável que os indivíduos defendam um duplo padrão sexual quando se encontram em grupo, como acontece em situações de entrevistas com grupos focais. No entanto, uma entrevista, por

ser realizada num ambiente mais controlado, pode não permitir aos participantes aplicarem estereótipos a que recorreriam se estivessem numa situação real (Marks, 2008), contribuindo estas possíveis razões para o facto de alguns autores acreditarem que a aceitação ou não do duplo padrão sexual nem sempre é fácil de identificar.

A ideia de que normas sexuais distintas para ambos os sexos surgem mais facilmente em situações de entrevistas em grupo vai ao encontro da teoria psicológica social, a qual defende que os indivíduos tendem a pressupor nos outros atitudes consistentes com as normas sociais e a adoptar mais facilmente a norma percebida no grupo para a avaliação de uma situação (Allport, 1924; Miller & Prentice, 1994; citados por Marks & Fraley, 2007). Deste modo, quando alguém é solicitado a avaliar individualmente um indivíduo com base em informações que lhe é fornecida (como, por exemplo, o número de parceiros sexuais), poderá haver uma tendência para o avaliar de forma justa e livre de estereótipos. Contudo, quando esta avaliação é realizada em grupo o avaliador tende a aproximar-se das normas sociais percebidas e, por isso, a julgar de forma mais severa os mesmos comportamentos (Marks & Fraley, 2007).

As características dos participantes a incluir nas entrevistas devem ser ponderadas numa fase anterior ao recrutamento, tomando em consideração que os grupos focais devem procurar homogeneidade nos indivíduos que os constituem, garantindo variação suficiente para que sejam encontradas opiniões que propiciem o debate (Krueger & Casey, 2009). Em temas vividos de forma diferente para cada género, como o duplo padrão sexual (e.g., Sakaluk & Milhausen, 2012), pode ser importante que as entrevistas sejam aplicadas separadamente em grupos masculinos e femininos. Esta separação justifica-se pelo facto de os homens terem tendência para, em grupos mistos, falarem mais frequentemente e com mais autoridade, o que pode condicionar a atitude das mulheres presentes (Krueger & Casey, 2009).

A utilização de grupos focais constitui, assim, uma técnica de recolha de dados adequada ao estudo do duplo padrão sexual, tanto por consistir numa metodologia que envolve questões abertas e pouco abstratas, como por propiciar um contexto que, por ser em grupo, favorece avaliações por parte dos participantes que vão mais ao encontro das normas sociais e dos estereótipos a que recorreriam em meio natural.

Objetivos do Estudo

Este estudo propõe-se contribuir para aprofundar a compreensão dos contornos que o duplo padrão sexual adquire atualmente na população universitária portuguesa, em particular a perceção da sua existência por parte de estudantes universitários do sexo masculino. Especificamente, neste estudo, procurou compreender-se como é vivida a sexualidade pelos estudantes universitários e averiguar a existência de um duplo padrão sexual nessa vivência.

Método

Participantes

O estudo envolveu a participação de 29 estudantes universitários do sexo masculino, 18 dos quais foram recrutados no distrito de Lisboa e 11 no distrito de Coimbra. A nacionalidade dos participantes era portuguesa e a idade variou entre os 18 e os 33 anos ($M = 22.03$; $DP = 3.34$).

Em termos de formação, 45% dos participantes frequentava cursos na área de tecnologias, 31% na área de direito, ciências sociais e serviços, 21% na área de economia, gestão e contabilidade e 3% na área da saúde. No que diz respeito à orientação sexual e ao estado civil, 97% identificou-se como heterossexual e 3% como homossexual, tendo 97% dos participantes afirmado já ter tido relações sexuais. Relativamente ao estado civil, 100% afirmou ser solteiro.

Instrumento

O instrumento utilizado foi um guião de entrevista para os grupos focais desenvolvido no projeto de doutoramento, Contornos Atuais do Duplo Padrão Sexual em Estudantes Universitários e suas Consequências para a Satisfação e Proteção Sexuais, no âmbito do Programa Interuniversitário de Doutoramento em Psicologia, Psicologia da Educação por Helena Amaro (Amaro, 2013).

As entrevistas iniciaram-se com uma breve apresentação do projeto, expondo posteriormente os participantes a um grupo de questões abertas, organizadas sequencialmente num guião de discussão semiestruturado. Foi solicitado aos participantes que respondessem a uma questão de introdução ao tema (e.g., De que falamos quando falamos de sexualidade?), seguindo-se questões organizadas em três sub-tópicos: a sexualidade na universidade, a satisfação sexual e o uso do preservativo. Para cada um

dos sub-tópicos foram realizadas questões relacionadas com as diferenças/semelhanças de género. As sessões finalizaram solicitando aos participantes que destacassem tópicos discutidos ou que considerassem importantes terem sido referidos. Mais, as questões-chave, porque abertas e abrangentes, foram sendo complementadas com esclarecimentos, especificações ou detalhes, com informação adicional ligada às questões anteriores e questões não planeadas. Sempre que se justificou, as questões foram alteradas ou acrescentadas para testar informação importante que ia sendo produzida em entrevistas de grupo anteriores.

Para o presente trabalho foi apenas analisado o sub-tópico relativo à sexualidade na universidade que incluiu duas perguntas, uma que solicitou aos participantes que caracterizassem o modo como os estudantes universitários viviam a sua sexualidade, e outra que os questionou acerca da sua perceção relativamente a possíveis diferenças no modo como homens e mulheres viviam a sua sexualidade. Neste estudo foi explorada apenas a dimensão social, sendo os participantes apenas questionados sobre a perceção e não sobre a aceitação pessoal destes padrões sexuais, pese embora em alguns casos a dimensão pessoal tenha sido partilhada pelos participantes.

Procedimento

Numa fase inicial do estudo procedeu-se ao recrutamento dos participantes via redes sociais e contacto presencial nas faculdades, sendo estabelecidas datas para os grupos focais consoante a disponibilidade dos estudantes universitários interessados em participar. No presente estudo foram realizados três grupos focais na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, recrutados no distrito de Lisboa, uma vez que já havia sido realizado previamente a este estudo um grupo focal com estudantes universitários do distrito de Coimbra.

As quatro entrevistas, com duração aproximada de duas horas, incluíram um número mínimo de cinco participantes e máximo de 11. Os participantes deram o seu consentimento informado e foi garantida a confidencialidade dos dados, tendo sido as entrevistas gravadas em formato áudio, mediante autorização dos mesmos, de forma a facilitar a posterior análise da informação recolhida. O projeto em que se insere este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Uma limitação dos grupos focais diz respeito à desejabilidade social, isto é, à pressão sentida para assumir uma perspetiva maioritária e assim evitar julgamentos negativos ou sanções sociais. Contudo, para os objetivos do estudo, essa dinâmica mostrou-se interessante em si mesma já que aquilo que se pretendeu foi aceder à perceção dos participantes sobre a realidade social e não à sua experiência pessoal, pelo que a partilha de informação pessoal nunca foi solicitada, mas antes limitada e/ou interrompida. Foi encorajada uma participação livre e genuína, que respeitasse a existência de perceções diferentes, de forma a colmatar as limitações referentes à desejabilidade social.

No início das entrevistas foram recolhidos dados sociodemográficos dos participantes, através do preenchimento de um formulário de participação que incluiu questões como idade, nacionalidade, curso a frequentar no momento da entrevista, género, orientação sexual e estado civil, assim como uma questão que permitia concluir se o participante já tinha estado envolvido em alguma relação sexual.

Com o objetivo de motivar a participação dos estudantes foi sorteado um voucher no valor de cem euros por todos os participantes do estudo.

Procedimentos de Análise

Numa primeira etapa procedeu-se à transcrição integral das entrevistas de grupo com identificação das respostas às questões em análise. Numa segunda etapa, os dados foram analisados qualitativamente, seguindo os pressupostos da Grounded Theory, usando como ferramenta o software ATLAS.ti, considerado o mais adequado para análises baseadas nesta teoria. Esta ferramenta analítica é tanto mais adequada aos objetivos quanto facilita a análise qualitativa de informação contida em textos extensos, como as transcrições das entrevistas deste estudo, permitindo gerir, extrair, comparar, explorar e reconstruir porções de informação relevantes. A análise qualitativa realizada com base na Grounded Theory tem como principal objetivo desenvolver teoria a partir dos dados partindo, esta análise, da descrição para a conceptualização e culminando na integração, em forma de teoria, dos fenómenos representados nos dados. Das principais etapas de análise, codificação aberta, axial e seletiva, foram utilizadas as duas primeiras. A codificação aberta é o “processo analítico por meio do qual os conceitos são identificados e as suas propriedades e dimensões são descobertas nos dados” (Strauss & Corbin, 2008, p.103). Deste modo, os fenómenos que partilham características comuns ou significados relacionados são descritos através de um determinado conceito, o qual, numa fase posterior, é agrupado noutros mais abstratos que designamos por categorias. As categorias são desenvolvidas em termos das suas propriedades (características/atributos) e dimensões (variação dessas características/atributos) específicas, permitindo diferenciá-las de outras categorias e dar-lhes precisão. Podem ainda ser identificadas subcategorias, as quais correspondem a “conceitos que explicam quando, onde, porquê, como, etc., uma categoria tende a existir” (Strauss & Corbin, 2008, p. 115). Este processo de identificação dos conceitos, das categorias e subcategorias e das suas propriedades e dimensões é alicerçado na comparação constante que permite não só

reconhecer “igualdades e variações nas categorias” como ir revelando “padrões compreensivos” (Strauss & Corbin, 2008, p.103). Os conceitos e categorias podem decorrer dos dados em análise ou de descrições já existentes na literatura, ou ambas. Para a definição de algumas categorias recorreu-se exclusivamente à literatura (e.g., Estereótipos e Papéis Sexuais de Género Tradicionais) e para a definição de outras recorreu-se à literatura completando as definições encontradas à luz do que os dados revelaram e, ainda, para a definição de outras utilizaram-se apenas os dados em análise.

Uma vez que o trabalho está associado ao projeto de doutoramento Contornos Atuais do Duplo Padrão Sexual em Estudantes Universitários e suas Consequências para a Satisfação e Proteções Sexuais, no qual foi já iniciada a codificação de entrevistas femininas ao nível da linha, da frase ou mesmo palavra a palavra, especialmente útil numa fase muito inicial da identificação dos conceitos, a codificação inicial deste trabalho foi realizada parágrafo a parágrafo e as unidades de análise consideradas disseram respeito a blocos narrativos de sentido, podendo conter mais de uma citação de participantes diferentes. A codificação axial dos dados envolve o seu reagrupamento através de hipóteses sobre a natureza das relações entre as várias categorias e suas subcategorias. Para tal (1) organizam-se as propriedades de uma categoria e suas dimensões; (2) identifica-se a variedade de condições, ações/interações e consequências associadas aos fenómenos; (3) relaciona-se uma categoria à sua subcategoria por meio de declarações que denotem como elas se relacionam umas com as outras e; (4) procura-se nos dados pistas que revelem como as principais categorias podem estar relacionadas entre si (Strauss, 1987, cit. in Strauss & Corbin, 2008, p.126). Neste processo, “procuram-se respostas para questões do tipo porquê ou de que forma, onde, quando, como e com que resultados e, ao fazê-lo, descobrem-se relações entre categorias” (Strauss & Corbin, 2008, p.127). Além da descoberta das relações, houve ainda o desenvolvimento adicional de

categorias porque as etapas da análise não são sequenciais, mas intermutáveis. Refinamentos em termos de propriedades e dimensões das categorias e subcategorias também foram realizados nesta etapa. Apesar de algumas categorias já apresentarem robustez apoiada no seu surgimento de forma consistente nas quatro entrevistas analisadas, outras ainda estão longe da saturação teórica (i.e. nova informação poderá ser produzida nas entrevistas femininas e mistas que, em conjunto com as masculinas, permitirão aceder a um modelo teórico integrado e devidamente fundamentado nos dados), limitando a possibilidade de transitar para a etapa da codificação seletiva da qual resultará a estrutura teórica que permite criar novas explicações sobre a natureza dos fenómenos (Strauss & Corbin, 2008). A codificação seletiva, “processo de integrar e refinar a teoria” depende da integração que se vai fazendo nas outras fases e nomeadamente na axial, onde as relações se começam a desenhar, residindo aí o principal contributo para a identificação dos novos contornos do DPS e da atualização da sua concetualização dentro de um modelo teórico compreensivo.

Com vista à minimização de enviesamentos na forma como as citações das entrevistas foram categorizadas procedeu-se a um acordo entre juízes. Três juízes categorizaram os mesmos discursos narrativos, correspondentes a 10% dos discursos totais das entrevistas. Para cada conjunto de texto, cada juiz identificou tantas categorias e subcategorias quantas as consideradas necessárias. A fórmula utilizada para contabilizar a percentagem de acordo consistiu na divisão do número de acordos pelo número total de acordos e desacordos encontrados para cada conjunto de texto. Os desacordos verificados foram discutidos até obtenção de 100% de acordo.

Resultados

Como resultado da codificação aberta realizada foi identificado um conjunto de categorias e subcategorias, algumas das quais se integraram em categorias centrais mais abrangentes, as quais se identificam no Quadro 1 e se definem posteriormente. Obteve-se um acordo inter-juízes de 88.14% entre um par de juízes e de 66.67% entre o outro par, sendo a média de acordo entre os dois pares de 77.41%.

Quadro 1. Categorias centrais, categorias e subcategorias identificadas na vivência da sexualidade na universidade

Categorias Centrais	Categorias	Subcategorias
Sexualidade na Universidade	Tipos de Relacionamento	Desbloqueador novidade, liberdade e/ou experimentação
		Desbloqueador cultura e dimensão local
		Desbloqueador consumo de álcool
		Relações a dois tempos
		Sexualidade em desenvolvimento
Estereótipos de Papéis de Género Tradicionais (EPG_TR)	Manutenção de EPG_TR	Os homens são mais sexuais e/ou menos emocionais e as mulheres mais emocionais e/ou menos sexuais
		Os homens são ativos, dominantes e/ou experientes e as mulheres são passivas, dominadas e/ou inexperientes
		Os homens encenam ser mais sexuais e/ou menos emocionais
		Os homens encenam ser ativos, dominantes e/ou experientes
		As mulheres encenam ser mais emocionais e/ou menos sexuais
	Ausência de EPG_TR	Nova sexualidade feminina
		Semelhanças de género
Padrões Sexuais	Duplo Padrão Sexual	
	Padrão Sexual Singular	
	Duplo Padrão Sexual Invertido	
Padrões Relacionais	Duplo Padrão Relacional	

Sexualidade na Universidade

Como resposta à primeira pergunta colocada nos grupos focais, nomeadamente sobre como os participantes caracterizariam o modo como os estudantes universitários viviam a sua sexualidade, a maior parte dos grupos começou por afirmar que esta era vivida mais frequentemente num contexto de relacionamentos ocasionais do que no contexto de relacionamentos estáveis, pese embora tal também pudesse ocorrer. Foi criada na decorrência a categoria “Tipos de Relacionamento” que procurou caracterizar o tipo de relacionamento no interior do qual se vive/experimenta a sexualidade na universidade. A categoria apresenta como propriedade o compromisso, que pode variar dimensionalmente entre baixo (ocasionalidade, ie, contactos sexuais circunscritos a uma noite, aquilo que na literatura se descreve como “one night stand” (Wentland & Reissing, 2011) e elevado (estabilidade, ie, contactos sexuais no interior de uma relação duradoura definida como namoro):

“geralmente os jovens, pelo menos muitos que eu conheço, são muito adeptos de ir para a noite, pá, beber copos, tentarem arranjar o máximo de raparigas possíveis naquela noite e está a andar. Pá, isso é, eu agora ultimamente ando muito nessa moda também. É ver quantas mais conseguem arranjar.”

“(…) mas pessoas começam primeiro com a sexualidade, querem experimentar coisas novas, tanto homens como mulheres... as mulheres também têm essa tendência, hoje em dia, para procurar conhecer pessoas novas e ter sexualidade com mais do que um homem (...).”

Apesar de não ter havido referência frequente a outro tipo de variação ao longo da dimensão considerada, em uma ou mais entrevistas foi referido ainda um nível intermédio de compromisso definido pelos entrevistados como “amigos coloridos” o qual representa

um conjunto de contactos sexuais com alguém que se conhece e com quem já se tem uma relação de amizade prévia, mas que não se confunde com o namoro.

Para a categoria “Tipos de Relacionamento” criou-se um conjunto de subcategorias relativo aos seus determinantes designados por “Desbloqueadores”. De um modo geral, os desbloqueadores, tal como foram definidos – facilitadores dos contactos sexuais na universidade – ajudaram a explicar a tendência à ocasionalidade e incluíram: “novidade, liberdade e/ou experimentação”, “cultura e dimensão local” e “consumo de álcool”. No primeiro caso, com a entrada na universidade, os jovens têm contacto com novos contextos, pessoas e modelos de interação (novidade), e ao mesmo tempo acedem a um maior nível de independência (liberdade), havendo por essa altura desejo de ter novas experiências sexuais (experimentação). No segundo caso, a entrada na universidade pode coincidir com a saída de casa dos pais e o ingresso em espaços e culturas mais amplos e diversificados capazes de promover uma abertura do indivíduo a novas formas de perspetivar o mundo e a sua experiência (do local ao global). No último caso, o consumo de álcool, comum nos contextos académicos festivos, favorece a desinibição sexual e, como os anteriores, facilita os contactos sexuais ocasionais e descomprometidos. Tomemos como exemplo de cada um dos desbloqueadores supra identificados as seguintes citações, respectivamente:

“Acho que existe uma abertura criada na expectativa de uma pessoa entrar numa fase nova que, de certa maneira, no geral, liberta-a de um conjunto de experiências que à partida não faria na escola secundária ou junto dos pais. Principalmente aqueles que vêm de fora, (...).Mas no entanto vejo os de primeiro ano quando entram para aqui completamente surpreendidos com um conjunto de experiências que estão à sua disposição e acho que se deixam levar por esse momento e pelo puxar dos outros.”

“Quando vamos para a faculdade, lá está, é um cocktail aqui explosivo. São... a maior parte das pessoas, principalmente quando vêm de fora, vê aqui um meio muito maior do que o meio que estava habituado na sua cidadezinha pequena, na sua vila ou o que quer que seja; vê aqui um enorme contacto de pessoas (...).”

“Acho que a sexualidade ao nível universitário está muito associada ao álcool (...). As pessoas começam-se a desinibir, começam a ficar mais à vontade e acho que o álcool ajuda... as pessoas começam a ficar mais à vontade, começam-se a sentir mais desinibidas para falar com as outras pessoas e isso acaba por contribuir um bocadinho (...).”

Apesar do reconhecido papel destes fatores como desbloqueadores, foi interessante perceber que o desbloqueador relativo à dimensão local podia condicionar o efeito dos outros dois. Por exemplo, os jovens que estudam em universidades fora dos grandes centros urbanos podiam, ainda assim, contactar com novidade e liberdade e desejar ter novas experiências, mas em alguns casos não as fazerem porque o espaço e cultura onde estavam integrados seriam relativamente limitados, mais conservadores, trazendo, por isso, maior possibilidade de julgamento e/ou crítica social, o que constitui ameaça à sua identidade/reputação, tal como podemos observar na citação que se segue:

“(...) há aquelas raparigas que também querem ter experiências homossexuais, querem a fase da descoberta, vá. É aquela fase vá. Mas que eu noto que lá (refere-se a uma universidade no interior do país) é tudo muito mais... aqui na cidade, e eu estudei cá até ao décimo segundo, cá (Lisboa) é muito mais, até mesmo no secundário já se via muito mais... lá não, lá na faculdade ainda é tudo muito... toda a gente se conhece, toda a gente critica, tudo é anormal, não é normal.”

Os desbloqueadores permitiram explicar a ocasionalidade, mas a preferência por relacionamentos descomprometidos não caracterizou a totalidade dos dados recolhidos. Tal como os próprios entrevistados referiram, apesar de esta ser uma realidade para a maioria, há aqueles que não se revêm nela, preferindo relacionamentos estáveis:

“Mas isso também depende de cada um. Há pessoas que gostam mais de fazer várias vezes isso do “one night stand”, há pessoas que gostam de ter coisas mais sérias. Isso depois depende da personalidade de cada um.”

“A tendência é que as relações sejam ocasionais mas... a minha experiência pessoal, o que eu vejo é bué relações sérias e duradouras. Quando eu digo duradouras, vá, de 3 meses para cima. (...) nos grupos em que eu me insiro não, por acaso, não tenho testemunhado muito isso. Tenho testemunhado muito pessoas a construir relações. Pode haver sempre aquela intenção inicial de “sexo ocasional vai ser bué giro”, mas não tenho testemunhado muito as pessoas a fazerem ocasionalmente e sim a construírem relações.”

Do mesmo modo, a preferência por relacionamentos ocasionais, apesar de existir, pode ser refreada quando os desbloqueadores acima descritos deixam de cumprir a sua função facilitadora e passam antes a constituir barreiras à possibilidade de optar por este tipo de relacionamentos. À semelhança do acima referido, um espaço e cultura menos amplos e diversos, leia-se mais conservadores, podem condicionar o indivíduo, levando-o a manter relacionamentos estáveis do passado que deixaram de fazer sentido na entrada para a universidade, mas que são mantidos à custa do receio da crítica social:

“Eu acho que muitas dessas relações (das raparigas que frequentam uma universidade no interior do país) é para assumir uma posição frente às outras pessoas. Não é tanto aquilo que elas querem, porque no fundo... (...) também querem passar por descobertas. Eu acho que é muito, relações de seis anos, é muito para assumir. É uma família que se conhece, há uma rotina criada (...).”

Os desbloqueadores não foram os únicos factores passíveis de explicar a preferência e o envolvimento nos dois principais tipos de relacionamento que temos vindo a considerar. Na análise surgiu uma subcategoria denominada “Relações a Dois Tempos” que se define como um padrão temporal que descreve uma preferência por/envolvimento em relacionamentos ocasionais nos primeiros anos de frequência universitária e por relacionamentos estáveis nos últimos anos:

“Eu vejo os de primeiro ano muito mais desprendidos, muito mais à procura de descobrir as sensações, (...) muito mais ocasional, muito mais all over the place. À medida que vão avançando vão se calhar encontrando cada vez mais nichos pequenos de pessoas com quem gostam de estar e aí encontram uma pessoa com quem, ocasionalmente, têm uma relação cada vez mais amorosa que passa a ser A relação.”

Apesar da clareza do significado desta subcategoria, para uma melhor compreensão do que os dados pareceram revelar, deve ser considerada em conjunto com a subcategoria “Sexualidade em Desenvolvimento” que descreve as transformações desenvolvimentais que ocorrem antes, na entrada e durante a permanência na universidade e que conduzem o indivíduo a maior definição de si e do modo como vive a sexualidade:

“(...) principalmente nesta fase (...) acho que nós em, em poucos anos, falo três, quatro, cinco anos, nós mudamos imenso por dentro, emocionalmente, quero eu dizer, nós mudamos imenso e acabamos por ver a vida com outros olhos. E muitas vezes, por vezes até, relativamente à parte sexual e à maneira como lidamos com isso, acabamos muitas vezes a olhar para trás e a pensar “como é que eu lidava assim, ou como é que eu fazia assim ou como é que eu já fui assim?” porque acho que é uma fase de muita transformação e (...) eu acho que uma pessoa que vem de uma relação de trás, as pessoas conhecem-se numa fase diferente em que têm objetivos diferentes, têm experiências diferentes e

quando chegam aqui (à universidade) é que há realmente a transformação do indivíduo como um adulto.”

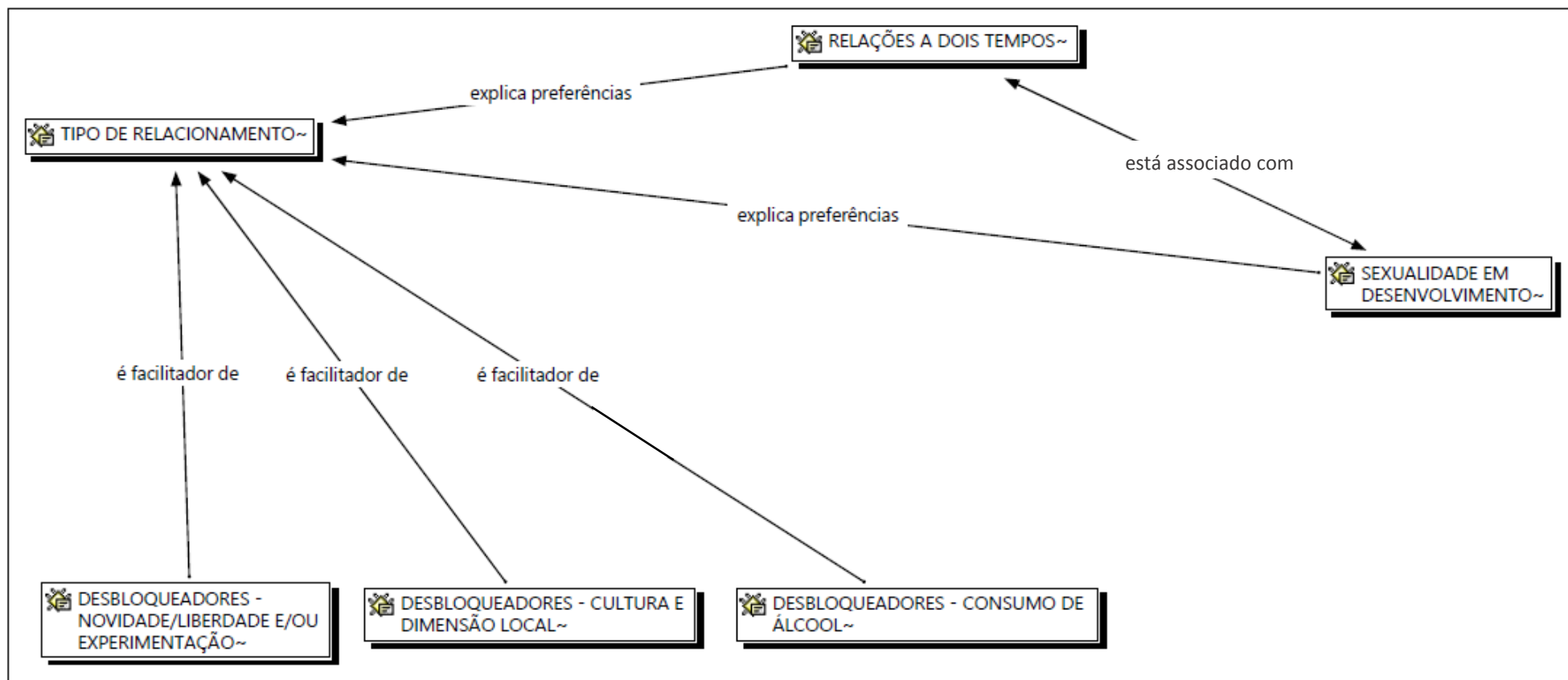
A relação entre as subcategorias “Relações a Dois Tempos” e “Sexualidade em Desenvolvimento”, e a sua capacidade para explicar a ocasionalidade, observou-se ainda na citação abaixo, onde se afirma que a juventude é a etapa normativa do desenvolvimento para a experimentação e envolvimento em relações descomprometidas:

“(…) um dos motivos, pelo menos eu acho que temos mais tendência para relações ocasionais, é porque nós pensamos que se nós não fizermos isto agora não é com quarenta anos que eu vou fazer! Por isso nós temos aquela tendência, aproveitar agora, fazer porcaria agora, e pensar a longo prazo depois. Depois tenho tempo para isso! E esta é uma tendência que nós temos.”

A categoria “Tipos de Relacionamento” e suas subcategorias foram, depois da fase de codificação aberta, conjugadas numa categoria mais abrangente, mais integrativa, designada por “Sexualidade na Universidade” sob a qual se descreveu o modo como os estudantes universitários de hoje vivem a sua sexualidade em termos de relacionamentos e quais as condições que determinam a sua preferência e/ou envolvimento.

Possíveis relações entre as categorias e subcategorias da “Sexualidade na Universidade” foram identificadas, tal como ilustrado no seguinte mapa de redes. Estas ligações serão posteriormente analisadas e explicadas no capítulo Discussão e Conclusões.

Mapa de Redes 1 – Relação entre as categorias e subcategorias da categoria central “Sexualidade na Universidade”



Estereótipos e Papéis de Género Tradicionais

A segunda pergunta remeteu os participantes para a sua perceção sobre o modo como homens e mulheres viviam a sua sexualidade no contexto universitário. Nas suas respostas surgiu referência a dois temas, a saber, as diferenças/semelhanças de género e o julgamento da experiência sexual de homens e mulheres. Sobre o segundo tema descrever-se-á adiante quando se apresentarem os resultados sobre padrões sexuais, por agora apresentar-se-ão as diferenças/semelhanças de género.

Sobre o tema das diferenças/semelhanças de género foi possível identificar no discurso dos jovens a referência a estereótipos e papéis de género tradicionais (EPG_TR), distinguindo entre a sua manutenção (diferenças de género) e a sua ausência (semelhanças de género), razão pela qual as respostas foram agrupadas em duas grandes categorias designadas por “Manutenção de Estereótipos e Papéis de Género Tradicionais” e “Ausência de Estereótipos e Papéis de Género Tradicionais”. A primeira categoria foi composta por todas as subcategorias relacionadas com a perceção da existência dos EPG_TR ou com a encenação dos EPG_TR. Primeiro, descrevem-se as subcategorias relativas à perceção da existência de EPG_TR. A primeira, designada de “Os homens são mais sexuais e/ou menos emocionais e as mulheres são mais emocionais e/ou menos sexuais”, define a tendência dos homens a serem mais impulsivos, mais orientados para a gratificação física/sexual e a valorizar menos a dimensão psicológica/afetiva das interações íntimas em que se envolvem e, simultaneamente, a tendência das mulheres a serem menos impulsivas, mais orientadas para a gratificação psicológica/afetiva e a valorizar menos a dimensão física/sexual:

“Há algumas [raparigas] que pensam, tentam sempre algo mais, mais palpável do que um rapaz. Um rapaz é um bocado fútil e não se importa de ter qualquer coisa. As raparigas querem algo palpável, querem conhecer o rapaz, querem que aquilo

seja mágico e não sei quê. O rapaz se a casa de banho estiver perto é onde poder ser! Aí não há problema, não é, é mais nessa base!”

“Houve uma vez que eu vi uma frase na internet que achei muita piada, e eu digo isso várias vezes, em relação a que o homem faz amor para ter o sexo e a mulher faz sexo para ter amor.”

“Mas eu não acho que seja tanto por aí do que estavas a dizer em relação à mulher, de esperar amor ou o que quer que seja. (...) Eu acho que é mais o estigma e acho que isso ainda continua a existir que é - um homem é capaz de ter uma relação sexual e, a seguir, se for preciso, vira costas, vai-se embora e nunca mais vê a pessoa à frente, enquanto que a mulher, mesmo que saiba que não vai ter ali nenhum compromisso nem nenhuma relação séria, pelo menos tem que ter ali uma conversa depois, sentir algum carinho especial.”

A segunda subcategoria, designada de “Os homens são ativos, dominantes e/ou experientes e as mulheres são passivas, dominadas e/ou inexperientes”, define a tendência a esperar que os homens tomem a iniciativa, conduzam as interações íntimas e/ou saibam sempre o que fazer (porque se espera que tenham muita experiência) e, simultaneamente, a tendência para esperar que as mulheres não tomem iniciativa, conduzam as interações íntimas e/ou saibam o que fazer (porque se espera que tenham pouca experiência):

“Acho que ainda há a cultura da mulher como se fosse a posse, tipo o troféu do homem no engate, (...) [antigamente] o homem é que tinha de engatar a mulher e a mulher era tipo a conquista, o troféu, a posse do homem e então é como se não houvesse assim muito espaço também para que agora isso se invertesse; parece simplesmente estranho quando é uma mulher a fazer a parte da posse, as pessoas não fazem o “compute” da situação e não vêm da mesma maneira.”

“(…) No geral eu acho que é muito esperado que o homem traga toda a técnica e capacidade à relação. Pá, o homem é que controla o prazer.”

Ainda na categoria “Manutenção dos Estereótipos e Papéis de Género Tradicionais” consideraram-se três outras subcategorias relacionadas com a encenação dos EPG_TR, designadas por “Os homens encenam ser mais sexuais e/ou menos emocionais”, “As mulheres encenam ser mais emocionais e/ou menos sexuais” e “Os homens encenam ser ativos, dominantes e/ou experientes”. Nenhuma citação foi encontrada de maneira a justificar a criação de uma quarta subcategoria que, logicamente, seria “As mulheres encenam ser passivas, dominadas e/ou inexperientes”.

Estas subcategorias definem o reconhecimento de que os EPG_TR não correspondem à verdade/realidade, mas que homens e mulheres se conformam a eles, dando-lhes expressão na forma de atitudes, ações e comportamentos. Apresentamos, para cada uma das subcategorias, uma citação que a exemplifica.

“Os homens encenam ser mais sexuais e/ou menos emocionais”

“O homem é romântico tem é de ser diretamente e depois até se pode dizer assim: se disseses a alguém eu vou negar. (...), com a namorada tem tendência a ser romântico (...). Agora, algo que seja público aí já temos menos tentação de fazer. Tem de demonstrar que é macho, que não faz isso.”

“As mulheres encenam ser mais emocionais e/ou menos sexuais”

“eu acho que as mulheres são tão carnis como os homens só que contêm-se um bocado mais e nós não queremos saber. Nós simplesmente, quando queremos alguma coisa, traz lá alguma coisa, e as mulheres contêm-se mais um bocado, acho eu.”

“Os homens encenam ser ativos, dominantes e/ou experientes”

“Nós nascemos ensinados.

Não sabes fazer isso, então?

(...)

Eu não tenho dúvidas sobre nada. (dito em tom de ironia)

(...)

E se tiver [dúvidas] vai ao computador assim muito...

Muito rato!

Para saber como é que se faz.”

Sobre estas três subcategorias de encenação dos EPG_TR é preciso referir que o seu poder explicativo é muito diferente, não havendo citações em número suficiente que permitam concluir com elevado grau de certeza sobre a existência das subcategorias “As mulheres encenam ser mais emocionais e/ou menos sexuais” e “Os homens encenam ser ativos, dominantes e/ou experientes”. Pelo contrário, foi identificado um número significativo de citações da subcategoria “Os homens encenam ser mais sexuais e/ou menos emocionais”, sendo contudo de destacar que as citações nela incluídas não mostraram uma tendência para “encenar ser mais sexual”, mas apenas uma tendência para “encenar ser menos emocional”.

Como referido anteriormente as respostas à questão sobre o modo como homens e mulheres vivem a sua sexualidade no contexto universitário reportaram-se quer ao tema das diferenças/semelhanças de género, quer ao tema do julgamento da experiência sexual de homens e mulheres, sendo o primeiro formado pela categoria “Manutenção de estereótipos e papéis de género tradicionais”, acabada de descrever, e pela categoria “Ausência de estereótipos e papéis de género tradicionais”, composta, por seu turno, por

duas subcategorias designadas por “Nova Sexualidade Feminina” e “Semelhanças de Género” que a seguir se descrevem.

A subcategoria “Nova Sexualidade” define a tendência das mulheres para desafiar os EPG_TR e para agir em conformidade com o que desejam e não com o esperado, independentemente de haver ou não julgamento/consequências:

“Existe ainda sempre algumas coscuvilhices, e há sempre aquele comentáriozinho “ah, aquela, não sei quê”, mas acho que elas próprias já não sentem, não se sentem tão humilhadas por fazer [ter experiências ocasionais].”

Os participantes disseram ainda percecionarem uma maior abertura das mulheres de hoje aos contactos ocasionais.

“(…) eu sinto que elas sentem isso que é: foram, gostaram, ninguém tem nada com isso.”

O desafio aos estereótipos observa-se, particularmente, na assunção de uma posição mais ativa, especialmente no que respeita a tomar a iniciativa para um contacto sexual:

“(…) a rapariga se vê um homem e sente-se atraída por aquele homem mais facilmente vai e... vai...”

A subcategoria “Semelhanças de Género” foi definida como o reconhecimento de que homens e mulheres são mais semelhantes do que dissemelhantes. Apesar de um número relativamente baixo de citações incluídas nesta subcategoria, o seu valor deve ser entendido na conjugação com a subcategoria “Nova Sexualidade Feminina”, pois uma das principais ideias expressa nesta última foi o equilíbrio conquistado nos últimos anos

em termos da vivência da sexualidade de homens e mulheres, tal como podemos ver na análise da próxima subcategoria considerada. As semelhanças de gênero foram reconhecidas pelos participantes, por exemplo, quer em termos do desejo, quer em termos das motivações para o envolvimento em relacionamentos sexuais, e especificamente em relacionamentos sexuais ocasionais, comuns no contexto universitário:

“Óbvio, desejo há tanto da parte do homem como da parte da mulher; tanto deseja o homem como deseja a mulher.”

“ (...) a outra pessoa traz sempre uma coisa que é imprescindível que é esse afeto, a esta sexualidade e a esta relação sexual e, portanto, quer seja homem ou mulher, ambos procuram sentir-se... vá, amados não, mas ambos procuram algum afeto (...).”

Padrões Sexuais

O segundo tema identificado nas respostas relativas à percepção da existência de possíveis diferenças no modo como homens e mulheres vivem a sua sexualidade, foi o do julgamento da experiência sexual. Este tema deu origem à organização das citações numa categoria central denominada “Padrões Sexuais”, a qual define o conjunto de prescrições sociais para a experiência sexual. Estas prescrições descrevem como homens e mulheres devem viver a sua sexualidade, mas também os critérios a partir dos quais se julga a conformidade ou não conformidade com essas prescrições. Três principais padrões foram identificados e constituem as categorias “Duplo Padrão Sexual”, “Padrão Sexual Singular” e “Duplo Padrão Sexual Invertido”, que em seguida se descrevem em detalhe antes da apresentação dos resultados, para cada uma delas.

O “Duplo Padrão Sexual”, conceito central deste estudo, é definido na literatura como uma atitude mais permissiva face à sexualidade masculina e mais restritiva face à feminina. Enquanto categoria foi acrescentado a esta definição duas principais ideias: a sexualidade ocasional/múltipla é avaliada positivamente no caso dos homens (fonte de

prestígio) e avaliada negativamente no caso das mulheres (fonte de reputação negativa). Esta será a categoria descrita, em termos de resultados, com maior profundidade, não só porque os dados a revelaram de forma mais consistente, mas também porque um dos principais objetivos do estudo é contribuir para a compreensão e concetualização atual do conceito. O “Padrão Sexual Singular” é definido como uma atitude igualmente permissiva/restritiva face à sexualidade de homens e mulheres. A sexualidade ocasional/múltipla ou não implica julgamento, ou implica igual julgamento para homens e mulheres. O “Duplo Padrão Sexual Invertido” é definido, por oposição ao “Duplo Padrão Sexual”, como uma atitude mais permissiva face à sexualidade feminina e mais restritiva face à masculina. Neste caso, sexualidade ocasional/múltipla é avaliada positivamente no caso das mulheres (fonte de prestígio) e avaliada negativamente no caso dos homens (fonte de reputação negativa).

Os resultados mostraram que o “Duplo Padrão Sexual” continua a ser percebido como uma realidade, observando-se de forma consistente que o envolvimento com múltiplos parceiros foi percebido como fonte de avaliação/rotulagem negativa para as mulheres e avaliação/rotulagem positiva para os homens:

“(…) um rapaz que coma muitas gajas é um garanhão, cá está, enquanto que uma rapariga que coma muitos gajos é uma puta.”

Para os participantes esta avaliação/rotulagem diferencial em função do género poderá ser reflexo de uma cultura popular conservadora ainda muito enraizada, tendo sido referido em mais de uma entrevista aquilo que os próprios designaram de “enigma da chave-fechadura”:

“O enigma da chave e da fechadura é que a chave que abre todas as portas é uma chave-mestra e uma fechadura que é aberta por qualquer chave é uma fechadura ranhosa.”

Mas a avaliação/rotulagem não é a única manifestação do “Duplo Padrão Sexual”. Uma ideia expressa em diferentes grupos foi a de que as mulheres que tiveram múltiplos parceiros sexuais perdem o interesse como namoradas, ao passo que os homens experientes, isto é, que tiveram múltiplas parceiras sexuais, eram vistos como mais interessantes:

“As raparigas ficam muito rotuladas para sempre. “Eh, essa gaja era granda fácil” e não sei quê...”

“Já não há o interesse de irmos ter com ela com... como namorada, não é?!”

Apesar de não ser comum a todas as entrevistas, há uma ideia a realçar e que está patente na citação que se segue, relacionada com a percepção dos participantes de que as mulheres se incentivam entre si para o contacto com homens sexualmente experientes e os homens se dissuadem entre si para o contacto com mulheres sexualmente experientes:

“Há muitas amigas [minhas] que “ah gosta de bad boys, de gajos que estão com muitas mulheres e não sei quê” e as amigas “ah, boa, boa” e depois, se calhar, quando é um homem acho que temos a tendência para dizer “aquela já teve com não sei quantos... eh pá, tás tramado se tiveres com ela, não sei quê... vai-te acontecer isto... acho que os homens colocam... quando aparece uma mulher que já esteve com muitos homens, colocamos muito mais um travão e dizemos “eh pá, isso não”, e o contrário não acontece.”

Uma outra manifestação do “Duplo Padrão Sexual” relacionada com o envolvimento com múltiplos parceiros pôde observar-se na avaliação negativa que os participantes acreditavam poder existir (dimensão social) e que eles próprios partilhavam (dimensão pessoal) de uma mulher que depois do rompimento de um relacionamento estável, se envolve sexualmente com outros homens:

“(...) se um rapaz e uma rapariga acabarem uma relação de três anos, vá, uma relação

assim já duradoura... se é mais... se o rapaz for aquele que fica completamente afetado e a chorar e isso tudo, e a rapariga toma aquele papel de ser fria e de não... e de não se mostrar afetada com isso, não sei se também não acaba por ter outra conotação ou as pessoas verem de maneira diferente...(...) mas, se calhar, se eu vir uma rapariga ao fim de uma relação de 3 anos, boa e estável, acabar com o namorado e tomar aquela... aquele papel de “ah, não quero saber, isso não interessa” e sair e ir comer outros... (...) eu não sei se eu via essa rapariga de maneira diferente, enquanto se fosse um rapaz eu penso “pronto, tá bem, ele precisa de esquecer, tudo bem e tal”.”

“A verdade é que o homem é encarado como o predador, de certa maneira. (...) Então acaba por ser mais natural... “eh pah, acabou”... e se [for o rapaz] “eh pá, está a fazer o trabalho dele”. Pronto, é mais ou menos isso. Por muito mau que seja, a verdade é essa e é assim que é um bocado encarado. Enquanto numa rapariga não é bem assim. E acho que é assim que também a sociedade acaba por ver as coisas.”

Foi possível ainda identificar manifestações do “Duplo Padrão Sexual”, mas desta feita não relacionadas com o envolvimento com múltiplos parceiros. Parece continuar a ser percebida por estes jovens uma avaliação negativa das mulheres pela prática da masturbação, bem como pela perda precoce da virgindade, dois comportamentos incentivados enquanto práticas normativas da masculinidade:

“ (...) aquela rapariga perdeu a virgindade, tipo cedo, a gaja é uma porca, meu.”

“Não é tão bem visto na sociedade [a masturbação feminina], e porque entre homens isso é uma coisa normal.”

Apesar de o tema do comportamento sexual não ser o alvo do trabalho, a virgindade foi aqui destacada por aparecer a reforçar uma manifestação anteriormente referida do Duplo Padrão Sexual ligada ao interesse que homens e mulheres experientes podem ter para futuros relacionamentos:

“ (...) as mulheres procuram homens experientes, já os homens ainda fazem aquelas piadas de “iii, aquela é virgem, que interessante!”. Pronto, e daí a mulher que está com muitos não ter tanto interesse, tal como o homem que está com poucas não tem tanto interesse para a mulher. Isto é uma visão que eu acho que é generalista.”

A considerar propriedades dentro da categoria “Duplo Padrão Sexual” destacaram-se a permanência da rotulagem negativa das mulheres sexualmente experientes por um período de tempo relativamente elevado, e ainda a tendência para perceber essa rotulagem negativa como mais comum entre as próprias mulheres:

“Mas eu vejo mais esse preconceito entre mulheres do que entre homens.”

“ (...) Elas, entre elas, são lixadas!”

“ (...) se a pessoa não fez (o rapaz), naquele dia é gozado, naquela semana até podem brincar com isso, na semana a seguir já ninguém lembra. Se calhar se for ao contrário, elas, mas terem mesmo feito, naquele dia falam, no dia a seguir também, na semana a seguir também e no mês a seguir ainda estão a falar.”

Um “Padrão Sexual Singular” foi também identificado no interior dos discursos sobre Duplo Padrão Sexual. Os participantes consideraram que a avaliação negativa das mulheres era a tendência, mas usaram expressões como “erradamente” ou “infelizmente” para a descrever. Se em alguns casos revelaram mesmo não concordar com ela (dimensão pessoal), em outros disseram perceber na sociedade uma tendência para o esbatimento desse julgamento mais penalizador das mulheres pelo envolvimento em relacionamentos ocasionais/múltiplos:

“Mas eu também acho que a maneira como é vista é errada, pronto, e nós estamos solteiros, estamos com 1, 2, 10, não interessa, na boa, garanhão. E se for ela já não vai ser vista assim, vai ser visto de uma perspetiva negativa.”

Uma outra expressão do Padrão Sexual Singular identificada nos resultados disse respeito ao reconhecimento de que tanto homens como mulheres podem ser avaliado/julgados negativamente pelo seu envolvimento em relacionamentos ocasionais/múltiplos, perdendo por isso o interesse como potenciais parceiros. Esta ideia vem expressa na citação abaixo, mas para melhor se compreender o seu significado salienta-se que ela surgiu em resposta à ideia, já apresentada anteriormente na forma de citação, de que as mulheres preferem homens experientes e os homens perdem o interesse por mulheres experientes quando tomam decisões sobre os seus contactos sexuais:

“(...) recentemente havia toda aquela ideia de... do player, que era aquele que se relacionava com muitas e, portanto... e claro que há sempre aquelas raparigas que acham piada a esse tipo de pessoas, mas há outras que, se querem algo mais sério e se querem estar com uma pessoas, não querem uma pessoa assim. E isso acaba também por ser uma característica negativa na visão delas do homem. (...) algumas, claro que vão dizer que é bom, mas acho que outras vão pensar mal dele e vão... não vão querer ter qualquer coisa com eles; estas, as mais reservadas e sérias, penso.”

O “Padrão Sexual Singular” aparece também associado à ideia de que há cada vez mais um equilíbrio na liberdade sexual de homens e mulheres e de que as experiências ocasionais no contexto universitário são comuns/normais entre homens e mulheres. Não se incluem citações exemplificativas, uma vez esta categoria ligar-se a subcategorias já analisadas, como “A Nova Sexualidade Feminina” e “Semelhanças de Género”, evitando deste modo repetição de resultados.

O “Duplo Sexual Invertido” foi uma categoria com fraca expressão e apareceu apenas em três momentos, expressando duas ideias, uma a de que os homens eram mais penalizados do que as mulheres pela utilização de objetos sexuais e a outra a de que não tinham uma segunda oportunidade para um contacto sexual se no primeiro tivessem tido

um mau desempenho, algo que não consideraram acontecer com as mulheres (afirmaram mesmo que no caso do desempenho sexual da mulher não ser satisfatório, procurariam dar-lhe uma segunda oportunidade).

Foi observado um número mais elevado de citações refletindo o Duplo Padrão Sexual em todas as entrevistas do que de citações refletindo o Padrão Sexual Singular ou o Duplo Padrão Sexual invertido, tomados em conjunto.

Padrões Relacionais

Nos discursos dos participantes surgiu, em duas entrevistas, um número elevado de citações que justificou a inclusão de uma nova categoria denominada “Duplo Padrão Relacional”, definida como um padrão existente em relações estáveis ou percecionadas/desejadas como tal, onde está patente um desequilíbrio de poder entre géneros que confere à mulher mais poder e controlo/autoridade sobre o homem, e o homem se sujeita às imposições/limitações colocadas por ela. Este desequilíbrio de poder, segundo a visão dos nossos participantes, pode expressar-se na pressão exercida pela mulher para que o homem não mantenha relações de amizade com outras mulheres, tal como a seguinte ilustração sintetiza:

“Quando se tem namorada, não se tem amigas!”

“Se um desconhecido lhe pagar uma bebida, tranquilo, "ah é só uma bebida; eu não o conheço"; agora se uma amiga tua te pagar uma bebida porque é tua amiga e porque gosta de ti... iiiii, Jesus!”

Manter relações de amizade ou estabelecer conversas em redes sociais com outras mulheres parece ser mais uma das limitações impostas por elas, existindo o relato de casos em que estas têm acesso às redes sociais dos homens e controlam de forma pormenorizada a utilização que estes fazem das mesmas, assim como os contactos que eles estabelecem

com outras mulheres, podendo ainda eliminá-las da lista de contactos dos homens para assegurar que nenhuma relação de amizade (ou eventual relação íntima) é estabelecida. Importa referir que este poder e controlo na utilização das redes sociais não pode ser, no entender dos homens, exercido por eles. Os discursos seguintes ilustram estas ideias:

“(...) [vi] miúdas que nem são namoradas deles (dos amigos), [com quem] eles estão a ter um caso ou assim, ligarem-lhes a dizer “então não estavas a trabalhar?”, vi-te a pôr gostos no instagram nesta, nesta e nesta...”

“a minha namorada, foi ao meu facebook e foi vendo amigo a amigo e eliminando as raparigas.”

“Elas podem receber pedido de amizade de malta que não conhecem e aceitar, (...) mas nós não podemos.”

Apesar de os nossos participantes acreditarem que esta atitude excessivamente controladora por parte das mulheres pode conduzir, a longo prazo, ao rompimento de um relacionamento, a maioria parece conformar-se a este poder que as mulheres exercem sobre eles, estando dispostos a romper ou a não estabelecer novas relações de amizade com outras mulheres para aceder aos pedidos da pessoa com quem estabelecem uma relação estável. Em alguns casos, também referem inibir contactos com quem já mantiveram relações íntimas por potencial desconforto na relação:

“A minha ex via-me a respirar e se eu estava a respirar na direção de uma rapariga era o fim do mundo! Claro que não deu, mas agora com a minha namorada percebo. Por exemplo, a minha afilhada, tive uma cena com ela e [a minha namorada] não fica muito confortável que eu vá tomar café com ela.”

“(...) (a referir-se a uma amiga com quem teve de deixar de estabelecer contacto) se calhar era uma pessoa que nós gostávamos muito e que era muito nossa amiga e assim já deixa de ser porque epá eu não vou fazer isto porque eu até gosto da

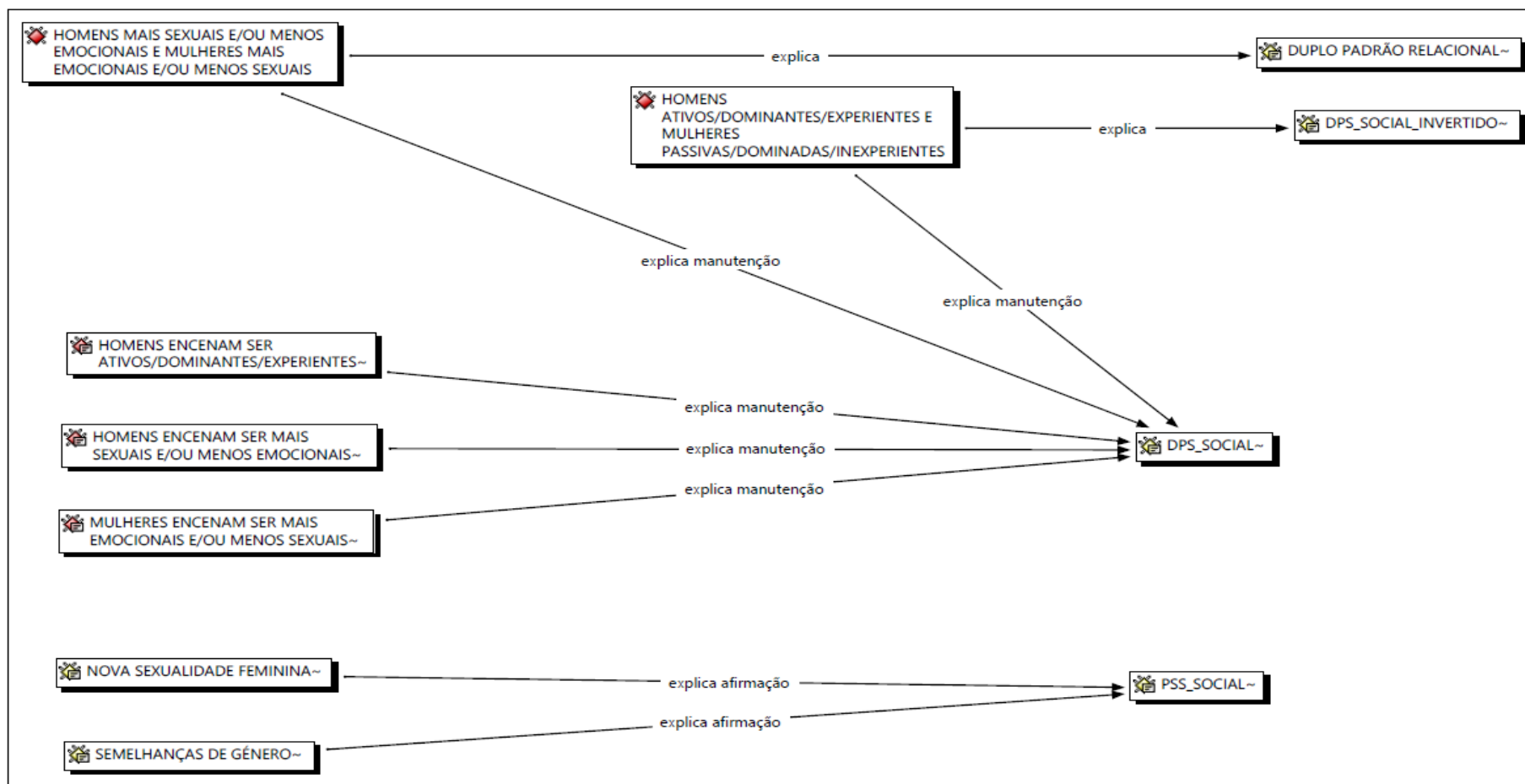
minha namorada e se calhar não vou fazer que é para não a chatear.”

Apesar deste maior poder das mulheres, a tendência a controlar alguns contactos é comum a homens e mulheres quando se trata de ex-namorados(as):

“Mas uma namorada que vai tomar café só com o ex, tipo, só com ele, se ela quisesse muito tomar um café só com o ex..."vais o quê?! vais o que?! Não, não, não!"”

Possíveis relações entre as categorias e subcategorias dos “Estereótipos e Papéis Tradicionais”, “Padrões Sexuais” e “Padrões Relacionais” foram identificadas, tal como ilustrado no seguinte mapa de redes. Estas ligações serão posteriormente analisadas e explicadas no capítulo Discussão e Conclusões.

Mapa de Redes 2 - Relação entre categorias e subcategorias de “Estereótipos e Papéis de Género Tradicionais”, “Padrões Sexuais” e “Padrões Relacionais”



Discussão e Conclusões

O primeiro ponto a destacar em termos de análise dos resultados diz respeito à caracterização do modo como os estudantes universitários percebem hoje a vivência da sexualidade. Apesar de se reconhecerem exceções, é possível dizer que a sexualidade na universidade ser tendencialmente ocasional nos primeiros anos e estável nos últimos reflete a trajetória desenvolvimental mais comum neste contexto. O estudante parte de um ponto em que deseja descobrir e descobrir-se, requerendo-se para isso a experimentação, e chega a um ponto de maior definição de si e do que deseja em função dos seus objetivos de futuro, colocando no lugar da experimentação (ocasionalidade) o compromisso que tende a caracterizar os relacionamentos da idade adulta (estabilidade). Na fase inicial deste trajeto desenvolvimental, a descoberta e a experimentação são favorecidas por um conjunto de desbloqueadores como a novidade, liberdade e/ou experimentação, a cultura e dimensão local e o consumo de álcool que funcionam como facilitadores dos contactos sexuais ocasionais. É importante dizer que este é um padrão reconhecido como comum nos grandes centros urbanos, mais liberais, podendo não ser esta a realidade dos jovens que frequentam universidades fora destes grandes centros, mais conservadores. Este padrão de preferência/envolvimento em relacionamentos ocasionais no contexto universitário é visto pelos jovens como normativo e necessário a um desenvolvimento saudável da sexualidade.

O segundo ponto a destacar, e o mais importante em termos de análise dos resultados, é a relação entre a categoria “Manutenção dos Estereótipos e Papéis de Género Tradicionais”, as categorias “Duplo Padrão Sexual” e “Duplo Padrão Sexual Invertido” e a categoria “Duplo Padrão Relacional”. Os resultados mostram que os estereótipos de papéis de género tradicionais (EPG_TR) (“Os homens são mais sexuais e/ou menos emocionais e as mulheres mais emocionais e/ou menos sexuais” e “Os homens são ativos,

dominantes e/ou experientes e as mulheres são passivas, dominadas e/ou inexperientes”) continuam a ser percebidos como realidade ou encenados enquanto tal. Apesar da aproximação do padrão comportamental, diferenças de gênero persistem na orientação de homens e mulheres para uma gratificação física/sexual ou psicológica/afetiva. A gratificação física/sexual parece ser suficiente, na percepção dos homens, daquilo que é a obtenção de prazer, mas é insuficiente para a obtenção de prazer por parte das mulheres, dependendo este da presença de fatores psicológicos/afetivos como sejam a atenção, a confiança, a conversa ou o carinho, nas palavras dos entrevistados. Do mesmo modo, apesar de os resultados já apontarem para uma mudança, com as mulheres universitárias a adotar uma posição mais ativa, especialmente no que respeita a tomar a iniciativa para as interações sexuais, ainda há uma tendência a perceber a mulher como “o troféu do homem no engate”, ou seja, passiva e dominada. Contrariamente, continua a recair sobre o homem a pressão para conduzir as interações íntimas, isto é, ser ativo e dominante e dotado das competências/experiência necessárias que garantam o sucesso sexual.

Se os resultados mostram de forma consistente que os EPG_TR continuam a ser reconhecidos como realidade socialmente partilhada, eles são menos consistentes no que concerne à encenação, destacando-se apenas, no discurso dos participantes, o reconhecimento de que “Os homens encenam ser mais sexuais e/ou menos emocionais”. No entanto, mesmo neste caso, apenas se destaca a encenação da componente emocional do EPG_TR, isto é, silenciando a valorização que na realidade existe da dimensão psicológica/afetiva nas suas interações íntimas. Tal como nos diz a definição de encenação, os homens reconhecem que esta dimensão do estereótipo não corresponde à verdade/realidade, mas conformam-se a ela. No mesmo sentido, poder-se-ia colocar a título de hipótese que a ausência de um discurso que demonstre que os homens “encenam ser mais sexuais” seria o reconhecimento dessa dimensão do estereótipo como a

verdade/realidade, não havendo, por isso, lugar a encenações. Ou seja, os homens percebem-se como naturalmente mais sexuais. Nesta mesma linha de pensamento, uma hipótese a explorar será a de que a menor expressão e/ou ausência de outras formas de encenação possa estar a refletir a identificação dos indivíduos com os EPG_TR.

O duplo padrão sexual tradicional revelou-se como o padrão sexual dominante no discurso dos participantes, havendo aqui uma consonância com os resultados de Sakaluk e Milhausen (2012), que verificaram uma maior aceitação do duplo padrão sexual tradicional por parte dos indivíduos do sexo masculino.

A permanência do duplo padrão sexual parece ser explicada pela “Manutenção dos EPG_TR” descrita, até porque quando se fala de diferenças de género fala-se circularmente de EPG_TR e de duplo padrão sexual. As mulheres são avaliadas negativamente pelo contacto com múltiplos parceiros sexuais, especialmente porque se continua a esperar que elas vivam a sua sexualidade no contexto de relacionamentos estáveis e que sejam pouco experientes a nível sexual. Esta ideia é evidenciada diversas vezes quando os jovens se referem à preferência, para relacionamentos estáveis, de mulheres pouco experientes, que consideram ser “as sérias”, nas suas próprias palavras. Estes resultados vão ao encontro dos resultados de Vieira (2011), que concluiu que os rapazes evitam estabelecer relacionamentos estáveis com raparigas que vivenciam uma variedade de relacionamentos.

A manutenção dos EPG_TR explica o duplo padrão sexual invertido porque, ao esperar que os homens sejam ativos, dominantes e experientes, eles serão penalizados quando adotam uma posição passiva (utilização de objetos sexuais) ou quando não conseguem ter um bom desempenho sexual.

É interessante perceber que o duplo padrão relacional, que pressupõe, ao contrário do duplo padrão sexual, um maior poder e controlo/autoridade da mulher sobre o homem

nas relações estáveis, também é explicado pela manutenção dos EPG_TR. A crença de que os homens são mais sexuais, isto é, mais impulsivos e incapazes de adiar a gratificação, parece justificar a necessidade, por parte das mulheres, de controlarem o seu comportamento.

O terceiro e último aspeto a destacar nesta análise prende-se com a conclusão de que, apesar de continuar a reconhecer-se a manutenção dos EPG_TR e da dominância de um duplo padrão sexual, parecemos estar a assistir a uma tendência para o esbatimento de uma e outra categoria. O discurso dos participantes aponta, em alguns momentos, para a ausência de EPG_TR, nomeadamente quando descrevem a nova sexualidade feminina” e de semelhanças de género, que acreditamos poder explicar a perceção da existência de um padrão sexual singular. Os jovens entrevistados reconhecem existir hoje um “maior equilíbrio” no que respeita à liberdade sexual de homens e mulheres e que, em essência, homens e mulheres são mais semelhantes do que dissemelhantes, o que parece estar na base de uma expressão mais frequente de um padrão sexual singular que vai alternando, nos seus discursos, com um duplo padrão sexual.

Em síntese, destacaríamos como principais conclusões do estudo a tendência ao envolvimento em relações ocasionais no contexto universitário. Homens e mulheres vivem a sua sexualidade, especialmente nos primeiros anos de universidade, no interior deste tipo de relacionamentos e não parecem ser julgados de forma diferente por isso. Ou seja, quando se fala de relacionamentos ocasionais ligados a experimentação, reconhece-se que há igualdade entre homens e mulheres, isto é, que há um padrão sexual singular na vivência de relacionamentos descomprometidos. Isto conduz a uma outra conclusão que diz respeito à necessidade de reconcetualizar o duplo padrão sexual. Note-se que não é tanto a ocasionalidade o que motiva o julgamento diferencial de homens e mulheres, mas o número de parceiros com quem se envolvem. As mulheres continuam a ser avaliadas

negativamente e os homens positivamente pelo envolvimento com elevado número de parceiros sexuais, nada sendo dito sobre julgamentos ligados à ocasionalidade. Seja como for, apesar de uma aproximação de homens e mulheres em matéria de liberdade para o envolvimento em relacionamentos ocasionais, o duplo padrão sexual continua a ser dominante em termos de prescrição para o número aceitável de parceiros para ambos os géneros. Estas conclusões podem ainda ajudar a compreender a razão pela qual a investigação sobre duplo padrão sexual tem mostrado resultados inconsistentes, uma apontando tendencialmente para o seu esbatimento, outra apontando para a sua manutenção. Tomando como base essa mesma literatura, o que se mantém hoje parece ser a perceção da sua existência social. Para o seu estudo, importa assim, redefinir e operacionalizar o conceito, considerar também esta dimensão e distinguir juízos sobre o envolvimento em relacionamentos ocasionais do envolvimento com parceiros múltiplos. Por último, entre as principais conclusões, destacamos a identificação de um duplo padrão relacional que desconhecemos a sua referência na literatura e que mostra uma realidade muito distinta face ao duplo padrão sexual tradicional. Este é um padrão que só surge nos discursos sobre relacionamentos estáveis ou percecionados como tal, mas que não deixa de ser, à semelhança do duplo padrão sexual, a expressão de desigualdade de género, com tudo o que a desigualdade implica em termos de uma vivência saudável da sexualidade e dos relacionamentos íntimos.

Como qualquer estudo também este apresenta limitações e destacamos três principais aspetos. Em primeiro lugar, foi pedido aos participantes apenas a perceção sobre o modo como os estudantes vivem a sua sexualidade no contexto universitário e sobre potenciais diferenças de género nessa vivência, o que significa que apenas se estudou a dimensão social do duplo padrão sexual. Apesar de se reconhecer como uma limitação, esta opção foi considerada a mais adequada para evitar qualquer forma de

inibição à livre expressão dos participantes. Em segundo lugar, uma limitação óbvia é o facto de apenas terem sido inquiridos estudantes do sexo masculino. Se por um lado é importante conhecer como homens e mulheres perspetivam esta realidade, estudar um só grupo não nos permite concluir se aquilo que observámos é a realidade percebida pelos estudantes universitários ou apenas a realidade percebida pelos homens estudantes universitários da amostra. Em terceiro e último lugar, ao contrário das outras categorias, o duplo padrão relacional foi apenas explorado em duas das quatro entrevistas, pese embora tenha sido extremamente representativo em termos da sua caracterização, expressão e manifestação num número significativo de citações.

Este estudo aponta claramente para a necessidade de continuar a estudar o duplo padrão sexual, reconhecido ainda hoje como realidade no contexto universitário, mas especialmente para a necessidade de reconcetualizar e atualizar o conceito para ser possível concluir com, cada vez maior grau de certeza, as condições e situações em que este se manifesta. Mais, para fazer frente a uma das limitações acima apontadas, é preciso continuar a desenvolver o estudo do duplo padrão sexual junto de amostras femininas e mistas para se poderem comparar com os dados aqui apurados e, assim, concluir sobre se os contornos observados são comuns a estes grupos ou apenas ao grupo masculino. Isto é, os estudos comparativos permitirão uma perceção mais abrangente e completa do significado do duplo padrão sexual na atualidade. Também seria importante estender o estudo do duplo padrão relacional a outros grupos masculinos, mas também femininos e mistos para uma concetualização mais detalhada e fundamentada deste novo conceito. Por último, se considerarmos que duplo padrão sexual e duplo padrão relacional são expressões de desigualdade de género que podem ter repercussões na experiência sexual e relacional dos jovens, então é preciso pensar em formas de combater um e outro padrão

e, através desse combate, favorecer a promoção da saúde e bem estar sexuais no grupo dos estudantes universitários.

Referências

- Alvarez, M. J., & Oliveira, M. (2007). Programa de prevenção do HIV/SIDA para estudantes universitários: um estudo piloto. *Revista Portuguesa de Educação*, 20, 183-211.
- Amâncio, L. (1992). As assimetrias nas representações do género. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 34, 9-22.
- Amaro, H. (2013). Contornos atuais do duplo padrão sexual em estudantes universitários e suas consequências para a satisfação e proteção sexuais. Projecto de doutoramento no âmbito do Programa de Doutoramento Interuniversitário em Psicologia, Psicologia da Educação. FPCEUC-FPUL.
- Boone, T. L., & Lefkowitz, E. S. (2004). Safer sex and the health belief model: considering the contributions of peer norms and socialization factors. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 16, 51-68.
- Bordini, G., & Sperb, T. (2013). Sexual double standard: a review of the literature between 2001 and 2010. *Sexuality & Culture*, 17, 686-704.
- Caron, S. L., Davis, C. M., Halteman, W. A., & Stickle, M. (1993). Predictors of condom-related behaviors among first-year college students. *Journal of Sex Research*, 30, 252-259.
- Centers for Disease Control and Prevention (2015). HIV Surveillance Report, 2014, 26. Disponível em: <http://www.cdc.gov/hiv/library/reports/surveillance/>
- Crawford, M., & Popp, D. (2003). Sexual double standards: a review and methodological critique of two decades of research. *Journal of Sex Research*, 40, 13-26.
- Greene, K., & Faulkner, S. L. (2005). Gender, belief in the sexual double standard, and sexual talk in heterosexual dating relationships. *Sex Roles*, 53, 239-251.
- Howell, J. L., Egan, P. M., Giuliano, T. A., & Ackley, B. D. (2011). The reverse double

- standard in perceptions of student-teacher sexual relationships: the role of gender, initiation, and power. *Journal of Social Psychology*, 151, 180-200.
- Hynie, M., & Lydon, J. E. (1995). Women's perceptions of female contraceptive behavior: Experimental evidence of the sexual double standard. *Psychology of Women Quarterly*, 19, 563-581.
- Kreager, D. A., & Staff, J. (2009). The sexual double standard and adolescent peer acceptance. *Social Psychology Quarterly*, 72, 143-164.
- Krueger, R. A., & Casey, M. A. (2009). *Focus groups: a practical guide for applied research* (4th ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Lottes, I. L., & Weinberg, M. S. (1998) Indicators of a double standard and generational difference in sexual attitudes. In C. M., Davis., W. L., Yarber, R., Bauserman, G., Schreer, & S. L., Davis (2nd ed.). *Handbook of sexuality-related measures*. (pp. 184-186). Thousand Oaks: Sage.
- Marks, M. J. (2008). Evaluations of sexually active men and women under divided attention: a social cognitive approach to the sexual double standard. *Basic and Applied Social Psychology*, 30, 84-9.
- Marks, M. J., & Fraley, R. C. (2005). The sexual double standard: fact or fiction? *Sex Roles*, 52, 175-186.
- Marks, M. J., & Fraley, R. C. (2006). Confirmation bias and the sexual double standard. *Sex Roles*, 54, 19-26.
- Marks, M. J., & Fraley, R. C. (2007). The impact of social interaction on the sexual double standard. *Social Influence*, 2, 29-54.
- Markus, H. R., & Kitayama, S. (1991). Culture and the self: implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review*, 98, 224-253.
- Marques, A. M. (2007). Gravidez na adolescência: a perspectiva da paternidade. Lisboa:

Comissão para a Igualdade de Género.

- Martins, S., & Machado, C. (2009). Discursos genderizados sobre a sexualidade e a violência sexual. *Sexualidade & Planeamento Familiar*, 52/53, 28-39.
- Milhausen, R. R., & Herold, E. S. (2001). Reconceptualizing the sexual double standard. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 13, 63-83.
- Mosher, D. L., & Tomkins, S. S. (1988). Scripting the Macho Man: Hypermasculine socialization and enculturation. *Journal of Sex Research*, 25, 60-84.
- Muehlenhard, C. L., & Quackenbush, D. M. (1998) Sexual Double Standard Scale. In C. M., Davis., W. L., Yarber, R., Bauserman, G., Schreer, & S. L., Davis (Eds.) (1998). *Handbook of sexuality-related measures*. (pp. 186-188). Thousand Oaks: Sage.
- Muehlenhard, C. L., & McCoy, M. L. (1991). Double standard/double bind: The sexual double standard and women's communication about sex. *Psychology of Women Quarterly*, 15, 447-461.
- Okazaki, S. (2002). Influences of culture on Asian Americans' sexuality. *Journal of Sex Research*, 39, 34-41.
- Oliver, M. B., & Sedikides, C. (1992). Effects of sexual permissiveness on desirability of partner as a function of low and high commitment to relationship. *Social Psychology Quarterly*, 55, 321-333.
- O'Sullivan, L. E. (1995). Less is more: the effects of sexual experience on judgments of men's and women's personality characteristics and relationship desirability. *Sex Roles*, 33, 159-181.
- Petersen, J. L., & Hyde, J. S. (2010). A meta-analytic review of research on gender differences in sexuality. *Psychological Bulletin*, 136, 21-38.

- Petersen, J. L., & Hyde, J. S. (2011). Gender differences in sexual attitudes and behaviors: a review of meta-analytic results and large datasets. *Journal of Sex Research*, 48, 149-165.
- Ramos, V., Carvalho, C., & Leal, I. (2005). Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica*, 23, 173-185.
- Robinson, N. (1999). The use of focus group methodology – with selected examples from sexual health research. *Journal of Advanced Nursing*, 29, 905-913.
- Sakaluk, J. K., & Milhausen, R. R. (2012). Factors influencing university students' explicit and implicit sexual double standards. *Journal of Sex Research*, 49, 464-476.
- Sahl, D., & Keene, J. R. (2010). The sexual double standard and gender differences in predictors of perceptions of adult-teen sexual relationships. *Sex Roles*, 62, 264-277.
- Sierra, J. C., Santos-Iglesias, P., Gutiérrez-Quintanilla, R., Bermúdez, M. P., & Buela-Casal, G. (2010). Factors associated with rape-supportive attitudes: Sociodemographic variables, aggressive personality, and sexist attitudes. *The Spanish Journal of Psychology*, 13, 202-209.
- Sprecher, S., McKinney, K., & Orbuch, T. (1987). Has the double standard disappeared?: na experimental test. *Social Psychology Quarterly*, 50, 24-31.
- Sprecher, S., McKinney, K., & Orbuch, T. (1991). The effect of current sexual behavior on friendship, dating, and marriage desirability. *Journal of Sex Research*, 28, 387-408.
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Análise qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: ARTMED.

- Vieira, C. V. (2011). Sexualidade, modelos de relacionamento e lógicas de prevenção – percepção diferenciada pelos géneros – um estudo realizado na área metropolitana do Porto. In S. Neves (Ed.), *Género e Ciências Sociais* (pp. 81-102). Maia: Edições ISMAI.
- Weinberg, M. S., Lottes, I. L., & Shaver, F. M. (1995). Swedish or American heterosexual college youth: who is more permissive?. *Archives of Sexual Behaviour*, 24, 409-437.
- Wentland, J., & Reissing, E. (2011). Taking casual sex not too casually: exploring definitions of casual sexual relationships. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 20(3), 75-91.
- Zhang, Y., Miller, L. E., & Harrison, K. (2008). The relationship between exposure to sexual music vídeos and young adults's sexual attitudes. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 52(3), 368-386.
- Zurbriggen, E. L., & Morgan, E. M. (2006). Who wants to marry a millionaire? Reality dating television programs, attitudes toward sex, and sexual behaviors. *Sex Roles*, 54, 1-17.